

**FIAR**

Recebido em 11-08-2022  
Modificado em 15-10-2022  
Aceito para publicação em 13-11-2022

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v9i3.39815>

---

 **Giovana Vitória Carlos Motta**

Graduanda em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: [giovnm@gmail.com](mailto:giovnm@gmail.com)

---

### **Apresentação**

---

O seguinte trabalho é um intento poético de encontrar o limite do verso e compor, em prosa fragmentada, uma paisagem.

---

Chamejadas linhas tuas crepusculam ao amanhecer —  
à sombra no mar, em barranco sinuoso, erigem pedra; nela montam tempo, metem  
véu furta-cor, a cobrir extensão da planície; breu a expirar no sempremudando grená.

Em densa copa d'árvores venta —  
varre vento mar varre areia

*ABRE COVA* *ENTRE*  
*ONDAS*

Sob sombra algomarinho, moça-face de plenilúnio fia a tempo véu —  
canta o que não sonhavam os sumérios: fundir glória heroica em meio a ruínas;  
castanha-calcário, linha a correr toda borda da planície, do róseo ao cróceo,  
ponta a outra —

286

Deslinha — vapor que matina  
*enramea* manhana fria, lenta acima  
a permear vazio, empurra breu n'oceano

Suméria, quinze dias morta,  
esquece do canto tódalas gaevotas  
dos ganhos e perdas  
uma onda desfigura de suas faces tardias o pó  
reverte do fundo, arrasto  
roça árvores

varre ossos d'areia sob mar  
em cova *ENTRE*  
*ONDAS*

adernando

MIRAI SOTAVENTO. Extensão negrecida de sonho é toda costa, contudo bafa  
vela canto heroico de moças; *mueven adelant... cortanlas naves ondas...*

(n'além-mar, Eros vacante)

há quinze dias penam o lúcido, perseguem pedra no ar, pregam aos peixes, falam à  
Morte, juram a Dinamene: gira timão: verte nau mil ângulos em mar-breu: n'algomarinho  
fundo verdejam ruínas.

Tivessem mil pérolas crescendo nos dedos como olhos veriam tudo a apalpar  
como cegos à noite —

Levam em cântaro sonho infantil por sendas mais alvo-  
calcário que tuas faces, moças bem-aventuradas a fiar pisando em rociada  
relva! —

287

arrancam por vales sinuosos,  
colhem bambus, ninguém vê — duros Fados  
(Tivessem minhas pérolas nos dedos como plenilúnio!...)

À sombra no mar ranham gargantas —  
a uma altura de estrela-polar soltam pedra em água plácida, cortejam violeta  
sempremudando;  
são sedimentos: jazem distintos, dormem desta noite a seguinte — com faces  
contra navalha relva à poente-apocalipse;

quando erguem rajadas de vento pó em vida, solares à hora-negra,  
sóis orbes fluorescentes flutuando em negruras fosforecidas linhas tuas em  
manhana fria

à sombra mar-breu tacam pedras n'água plácida:  
dela invejam o tempo, metem nele véu mais livor-morte que o presente,

fazem correr por toda extensão da planície de xisto, a entremesclar gris  
verdume sempre mudando e vapor que matina,

Linha, linha-e-l i n h a, onda a esganar em cova —  
passado erodido, sob ele erguem densas árvores curvam lentas acima faz  
sombra no mar véu ao vento, ao vento pó

das moças-face de calcário  
traço d'azulazuli o puxa-dia, lento, a deixar rastro laranja fogo vapor sulfuroso —

a esse vulto cantam glórias anônimas (tinha domínio que os homens desejam, e  
tentam, e perdem), beijam lodo em mãos

(O QUE VEM NÃO SERÁ SABIDO POR NINGUNO DEPOIS D'AGORA)

288

gaivotas não terão direito a decantar senão em meio às ruínas  
os homens que outrora aqui ergueram pedras, e tiraram delas tempo, e ensinaram a correr,  
e nele

meteram véu, e usaram suas mãos apalpadelas na lua  
ranha terra-tempo à procura de semente, sem saber que já és pó, cadáver  
vivo ao vento mordente, desde as eras anteriores pátina do tempo de pé  
de origem à origem jaz sobre si mesmo sobre túmulo próprio como pedra disparada à  
água plácida que bebe

DOIS HOMENS 3 atrás outro para me arrancar folhas, cantando heroicamente em meio  
aos destroços,

sílabas em sete pedras: erguem proa e tremulam à meia-luz do sendeiro —  
daqui ao outro lado varrendo copas d'árvores;  
no topo da montanha ergueram sílabas e mais claro que presente.

Por evocado barro vem, soturno.

Arranca folhas - bruto! -, tulipa envenena tudo:  
reverte pó às pedras a cantar:

AVIÉ DE SER SUMÉRIAS.

---

### **Presentation**

---

The following work is a poetic attempt to find the limit of verse, and compose, in shattered prose, a landscape.

---

### **Presentación**

---

La siguiente obra es un intento poético de encontrar el límite del verso y componer, en prosa fragmentada, una paisaje.

---